

# Os mitos do ensino do primeiro grau

Rômulo Penina

Os drs. Philip Fletcher e Cláudio de Moura Castro, pertencentes ao Centro Nacional de Recursos Humanos do Instituto de Planejamento Econômico Social, acabam de divulgar um importante documento sobre "Os Mitos, as Estratégias e as Prioridades para o Ensino do 1º Grau". Eles partem da premissa de que sendo os problemas educacionais do país muito graves é necessário grande cuidado, pois interpretações e diagnósticos equivocados levam ao fracasso as tentativas de solucioná-los. Levando em consideração que o epicentro dos maiores problemas da educação nacional está na própria base do processo de escolarização, os autores afirmam que é aí justamente que podem ocorrer graves enganos na identificação do que está errado.

O trabalho enfatiza um elenco de onze mitos instalados nos diagnósticos convencionais da educação brasileira e que são: I — uma proporção significativa da população em idade escolar não tem acesso ao ensino de 1º Grau; II — cerca de 44% dos alunos abandonam o ensino de 1º Grau depois da 1ª série, em decorrência, a segunda série teria o acesso mais restrito em todo o ensino brasileiro; III — as crianças brasileiras recebem, em média, apenas cinco anos de estudo; IV — o principal problema é a evasão; V — as matrículas na primeira série são insuficientes e, portanto, devem ser ampliadas sem restrições e de maneira mais rápida possível; VI — a distorção idade-série se deve, principalmente, a grandes contingentes de alunos que entram no sistema em idade tardia; VII — a repetência é útil porque, além de importante incentivo, permite a continuação dos estudos nas séries subsequentes; VIII — a repetência se deve exclusivamente à incapacidade dos alunos em adquirir uma alfabetização básica; IX — a ineficiência do ensino de 1º Grau se deve a fatores relacionados com o precário nível sócio-econômico da população escolar; X — um processo de ensino mais simples e barato é com o que pode

arcar um país pobre como o Brasil; XI — o maior desperdício financeiro na repetência se concentra nas regiões menos desenvolvidas do país.

Os autores demonstram com dados do tipo censitário, no caso os PNAD — 82, resultados que contradizem amplamente políticos que ineficazmente vêm se empregando para expandir a oferta de ensino de 1º Grau e alcançar sua universalização. Um exame de estatísticas educacionais feito por prismas algo diferentes mostra problemas bem diversos daqueles convencionalmente difundidos. Algumas conclusões do trabalho dão ênfase a que ficam relativamente muito poucos alunos fora da escola no início da escolarização. A evasão deixa de ser a fonte de todos os males e a reprovação com sua consequente repetência adquire um importante relevo. A evasão torna-se realmente grave após a quarta série, embora se relacione com a repetência nas séries anteriores. Faltam vagas para dar extensão à escolaridade porque se está armazenando repetentes. Demonstram ainda os autores que a discussão sobre a pré-escola deve ser reformulada e citam a seriação clandestina dentro da 1ª série ocasionando o dobro de matrícula da segunda série. Chamam a atenção para a 1ª série, a mais congestionada e problemática de todo o ensino brasileiro. É aí que a escola se confronta com alunos para os quais ela não está preparada. Melhorar a qualidade desse ensino é a tarefa mais nobre e mais importante. Os maiores entraves são, ao contrário do que se possa imaginar, a transição da quarta para a quinta série e o desafio de completar com êxito a primeira série.

O documento em questão deve merecer dos estudiosos da palpitante matéria a mais ampla reflexão e tudo que foi feito direcionado ao Ensino de 1º Grau terá sempre a melhor receptividade, mesmo que derrube tabus até hoje aceitos.

Rômulo Augusto Penina é professor e ex-reitor da Ufes

Rômulo. Os mitos do ensino do primeiro grau. A Gazeta. Vitória, 28. 25. 1. cad. p. 4, c. 1 e 2.